

# humanitas

**Vol. XV–XVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA  
MCMLXIII-LXIV

Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira — Fundação Calouste Gulbenkian — Lisboa.  
 Boletín Informativo de la Biblioteca — Facultad de Filosofía y Letras — Universidad Nacional de Tucumán  
 Helikon — Rivista di Tradizione e Cultura Classica — Napoli  
 Philosophische Rundschau — Eine Vierteljahresschrift für philosophische Kritik — Tübingen  
 Revista da Universidade de Minas Gerais — Belo Horizonte — Minas Gerais  
 Rivista di Studi Classici — Torino  
 Studia et Acta Orientalia — Bucaresti.

Por outro lado, o número avultadíssimo de leitores que frequentam o Instituto prova que os recursos bibliográficos de que agora dispõe, embora ainda longe dos que seriam para desejar, constituem já um precioso auxiliar para os nossos estudantes.

M.H.R.P.

#### FILOSOFIA, LETRAS E CULTURA CLÁSSICAS NA BÉLGICA

Estudos de investigação e análise doutrinal dos pensadores gregos e dos seus comentadores medievais, edições de textos, descobertas no domínio da Arqueologia, numerosas conferências proferidas por especialistas, exposições e espectáculos de Arte — são alguns dos aspectos da vida cultural da Bélgica em relação com o mundo clássico, que pudemos acompanhar durante os dois últimos anos.

De entre todas estas actividades mais ou menos ocasionais, mesmo quando realizadas por instituições científicas, como o são algumas daquelas a que nos referiremos, salientam-se as de um centro de trabalho que, ligado à mais importante das universidades belgas — a Universidade Católica de Lovaina —, pela já longa tradição em que se insere, pela autoridade conquistada pelos seus orientadores e pelo alto nível das suas realizações, pelo extraordinário conjunto de elementos de investigação que actualmente possui e pela irradiação do seu prestígio, merece uma referência especial.

## O CENTRO DE WULF-MANSION DE LOVAINA

O Instituto Superior de Filosofia, fundado pelo Cardinal Mercier sob o directo patrocínio do Papa Leão XIII, que nele quis ver objectivados os propósitos da encíclica «Aeterni Patris» (1), cedo se notabilizou, mercê, em grande parte, da renovação de método e espírito no estudo da escolástica, realizada por Maurice De Wulf na sua *Histoire de la Philosophie Médiévale*, profundamente modificada e alargada, na informação e na interpretação das linhas mestras do pensamento da Idade Média, até aos três volumes da sua 6.<sup>a</sup> edição (Lovaina, 1934-1947). Ao prestígio de De Wulf como medievista juntou-se o de Mons. Auguste Mansion, de consagrada autoridade como especialista no conhecimento dos problemas ligados à obra e doutrina aristotélicas, actualmente professor emérito e presidente da «Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale». Apesar dos seus oitenta anos, a lucidez de espírito e a profundidade do seu saber orientam ainda os trabalhos de alguns investigadores, e nós mesmo pudemos também ainda consultá-lo com proveito sobre os problemas que nos trouxeram aqui.

Creemos que é ao Instituto Superior de Filosofia que a Universidade de Lovaina deve uma grande parte da sua irradiação no estrangeiro, pois são numerosos os que da Inglaterra e da América do Norte, das nações latino-americanas, do Japão e de outros países do Oriente, a ele vêm buscar seus títulos universitários. À importância que o Instituto já possuía nos domínios da Filosofia antiga e medieval, veio juntar-se o facto de, por felizes circunstâncias, a quando da última guerra, aqui se terem recolhido manuscritos de Husserl, cujos inéditos, em parte conservados ainda na sua escrita taquigráfica e em parte já lidos e transcritos, constituem os «Arquivos Husserl», que fazem de Lovaina um centro imprescindível para o estudo do mestre da fenomenologia.

(1) Cf. ROGER AUBERT, *Aspects divers du néo-thomisme sous le pontificat de Léon XIII*. Roma, 1961 (Separata de *Aspetti della cultura cattolica nell'età di Leone XIII* (Atti del convegno tenuto a Bologna il 27-28-29 dicembre 1960)); L. DE RAEYMAEKER, *Le Cardinal Mercier et l'Institut Supérieur de Philosophie de Louvain*. Lovaina, 1952. Sobre os antecedentes do Instituto, vid. R. TAMBUYSER, *Vérection de la chaire de philosophie thomiste à l'Université de Louvain, 1880-1882*, in «Revue philosophique de Louvain», LVI (1958), pp. 479-509.

Não devemos deixar de referir o papel relevante do órgão cultural do Instituto, fundado pelo próprio Mercier em 1894 com o título de *Revue Néoscolastique* e que, a partir do hiato da última guerra, reapareceu com a denominação mais larga e mais exacta de *Revue Philosophique de Louvain*, e o exaustivo *Répertoire Bibliographique de la Philosophie*, seu suplemento.

Para o estudo da Filosofia antiga e medieval, o Instituto Superior de Filosofia criou o «Centre De Wulf-Mansion», cujos directores, os professores F. Van Steenberghe, G. Verbeke, H. L. Van Breda, M. Giele e Mlle. Suzanne Mansion, continuam o prestígio dos mestres que a denominação do Centro evoca.

Para se avaliar da sua importância como riqueza de meios de trabalho, basta dizer que a biblioteca especializada para consulta imediata possui cerca de 3.000 volumes; e uma filmoteca, com dois aparelhos e cabines de leitura, reúne já cerca de 1.500 filmes e reproduções fotográficas, tendo em vista recolher deste modo todos os manuscritos dos comentadores medievais sobre as obras de Aristóteles. Assim se possibilita não só a elaboração de dissertações, como a preparação de edições críticas. Uma lista das reproduções fotográficas de manuscritos que o Centro possui foi reunida em Outubro de 1962, sob a forma de volume policopiado de 200 páginas.

Entre os trabalhos a publicar mais proximamente, inscrevem-se a edição do texto crítico da tradução medieval do Comentário de Aspásius e de Miguel de Éfeso à *Ética a Nicomaco*, livros I-II, V-VI e VIII-IX, preparado respectivamente por P. Mercken, J. P. Reilly e W. Stinissen; a edição crítica do texto de Sigério de Coutrai sobre o *Perihermeneias*, preparada e com introdução por Chr. Verhaak. A Doutora Suzanne Mansion ocupa-se com a edição da tradução latina do Comentário de Alexandre de Afrodisias ao *De sensu et sensato*, a Doutora Simonne Van Riet com a edição crítica da tradução latina medieval do *De anima* de Avicena e o Prof. M. Giele com a edição do *Commentarium in tertium de anima* de Sigério de Brabante.

Durante o ano de 1962, dirigidos pelos responsáveis do Centro, alunos da Universidade terminaram e apresentaram as seguintes memórias: Ch. Lefèvre, *Les apories du livre B de la Métaphysique d'Aristote*; N. Lindenlauf, *La connaissance des dieux dans la théologie épicurienne*; J. De Raedemaeker, *Een commentaar op De Anima van Jacobus de Duaco, critische uitgave met inleiding over het leven, het werk en de filosofie van de auteur*. Outros trabalham actualmente sobre temas

como: Platão (concepção da alma no *Timeu*, relação entre a virtude da justiça e as partes da alma na *República*, verdade e não-verdade, o tema da morte, a educação ética); Aristóteles (noção de filosofia, método nos *Parva naturalia*, na *Metafísica*, ideia de Deus em moral, tema das partes da alma, problema de mudança e noção de matéria na *Física*, unidade da vida moral na *Ética*, relação entre moral e política, psicologia e metafísica na *Ética*, educação ética); Estóicos (evolução do termo *hegemonicon*, concepção da história); Filodemo (teologia); Plutarco (concepção da religião); Plotino (o termo *theios*, o tema das relações com outrem); o conceito de criação nos primeiros séculos cristãos; o tempo em S. Gregório de Nissa; significação do corpo humano nas obras de juventude de Santo Agostinho ; a tradução latina do *De intellectu* de João Philopon; a tradução latina de Guilherme de Moerbeke do Comentário de Alexandre de Afrodísias aos *Meteoros* de Aristóteles; edição crítica e estudo de vários tratados dos séculos xii e xiv sobre os *Synecategoremata*; e muitos outros temas, mais relacionados já com os autores medievais, embora enraizando na filosofia aristotélica, tais como a gramática especulativa na Idade Média e a lógica inglesa do século xiv em Oxford.

Alguns destes assuntos ocuparam as sessões quinzenais do seminário de Filosofia antiga e medieval realizadas no Centro. Durante o ano lectivo de 1961-62 o objectivo fundamental destas reuniões de estudo — nas quais a exposição do relator é sempre seguida de discussão em que intervêm com muito interesse professores e alunos — foi a Ética aristotélica e tomista. Apontamos as seguintes comunicações: P. Verhaege, *La méthode dans l'Éthique Eudémienne*; Prof. U. Dhondt, *Le bonheur chez Aristote*; P. Morisset, *Conduite et jugement moral d'après St. Thomas (comparaison avec Aristote)*; P. Mercken, *La vertu en général chez Aristote*; F. De Wächter, *Les opinions préphilosophiques dans l'Éthique d'Aristote*; J. Moncho, *La connexion des vertus dans l'Éthique à Nicomaque*.

O Prof. Th. Crowley, O. F. M., da Universidade de Belfast, que fez o doutoramento em Filosofia em Lovaina, onde para obtenção do título de professor agregado do Instituto apresentou um trabalho notável acerca das doutrinas psicológicas de Bacon (1), discorreu sobre

(1) THEODORE CROWLEY, *Roger Bacon. The problem of the soul in his Philosophical Commentaries*. Lovaina-Dublin, 1950.

a moral de Rogério Bacon, baseando-se em inéditos em cuja edição trabalha. Com efeito, Mons. A. Pelzer propunha-se preparar a edição de textos de Bacon que descobrira, *Moralis, Opus minus, De causis ignorantiae, De elemento et mixto*, mas não chegou a fazê-lo. Disso se ocupa actualmente o Prof. Crowley, a fim de os fazer aparecer na colecção vaticana «Studi e Testi».

O Prof. G. Verbeke encerrou em 27 de Março os trabalhos do ano com uma exposição intitulada:

*Véthique d'Aristote est-elle une philosophie?*

A moral de Aristóteles, começou por dizer o Prof. Verbeke, não é uma moral de transcendência, pois Deus para Aristóteles não é criador nem providência. Portanto, a moral não é uma inserção da vontade humana na vontade divina, expressa por uma lei com a qual o homem se deva conformar. Deus intervém, no entanto, na moral aristotélica, não como legislador mas como modelo que o homem procura atingir, tentando assemelhar-se-lhe, pela investigação intelectual.

Também não é sobre a ideia platónica de Bem que funda a sua moral, porque Aristóteles não admite a existência do mundo das ideias transcendentais. Além disso, o objecto da moral é algo que o homem pode realizar e deve ser realizado sobre a terra, sem relação com o após a morte. Não se admitia, no círculo cultural em que Aristóteles viveu, uma imortalidade propriamente dita: a existência depois da morte é uma existência diminuída. A moral de Aristóteles não é, conseqüentemente, uma moral de transcendência, mas uma moral humanista, isto é, que conduz à perfeição do homem.

O problema fundamental é, porém, este: qual o verdadeiro bem do homem, quando as opiniões estão tão divididas? O ideal é a perfeição, que o homem deve procurar, porque é o Bem. Não há uma justificação fora da ideia mesma de Bem.

A virtude é difícil, mas é todavia participada por muitos, embora em níveis diferentes. Dentro da teleologia aristotélica, se bem que em níveis diversos, deve ser participada por todos; só *per accidens* algum ficaria inteiramente de fora.

A moral de Aristóteles — continua o Prof. Verbeke — é um intelectualismo moderado, isto é, a perfeição do homem consiste num certo conhecimento, não num saber teórico — *επιστήμη*, mas num outro género de conhecimento — *φρόνησις*, «sagesse», prudência, conhecimento que incide sobre o concreto, sobre o que há a fazer.

Esta *φρόνησις* não pode realizar-se sem o conjunto de todas as virtudes. *Φρόνημος* é o que sabe julgar o que é bem, que julga rectamente, que realiza o justo meio. O *φρόνημος* é capaz disso, porque tem experiência e não é desviado pelas paixões que perturbam o juízo do bem. Daí a importância da educação moral.

Porque há uma dependência entre o ajuizamento do bem e a maneira como se vive, o intelectualismo moral de Aristóteles deve dizer-se intelectualismo moderado. Mas, como se sabe qual é o verdadeiro bem? Por um lado, a experiência, a nossa e a dos outros, dirá quai é a perfeição do homem. Por isso Aristóteles procura entre os conceitos do seu meio os vários bens aceites, e apela para as opiniões do seu tempo. Por outro lado, o verdadeiro bem também se descobre pelo exercício da razão.

A moral de Aristóteles, finalmente — pergunta o Prof. Verbeke — é uma filosofia? Sim, uma filosofia, não saber teórico, mas saber a realizar. Uma filosofia, sim, mas de nível inferior.

Depois de redigido este resumo da conferência, seguindo as notas que então tomámos, foi distribuído o número de Maio de 1963 da “Revue Philosophique de Louvain”. O Prof. G. Verbeke publica aí um artigo, *Thèmes de la morale aristotélicienne. À propos du Commentaire des PP. Gauthier et Jolif sur l'Éthique à Nicomaque* (pp. 185-214), cujo último parágrafo (pp. 210-214), sob o mesmo título da exposição feita na reunião de seminário, constitui a súmula da sua parte essencial, documentada com referências aos textos aristotélicos.

Durante o ano lectivo de 1962-63, o objecto central das sessões do seminário de Filosofia antiga e medieval foi a metafísica aristotélica e a metafísica tomista, com os temas seguintes : Prof. U. Dhondt, *Acte et puissance dans la Métaphysique d'Ar is to te*; P. Mouslon-Berhaert, *La méthode d'Aristote dans la Métaphysique: pourquoi et comment*; Prof. Van de Wiele, *Ens et Bonum convertuntur* ; P. Doig, *L'object de la Métaphysique selon St. Thomas*; P. Masterson, *U élaboration par St. Thomas de la notion d'être fini*; P. J. Wippel, *La Métaphysique de l'essence et de l'existence selon Godefroid de Fontaines*.

O P. Ch. Lefèvre, que fez o doutoramento em filologia clássica na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Lovaina com



uma dissertação sobre *Les apories du livre B de la Métaphysique d'Aristote*, que atrás referimos, e traduziu a obra de Donald J. Allan, *Aristote le Philosophe*, ocupou a sessão de 4 de Fevereiro com o discutido tema da evolução de Aristóteles e a sua aceitação inicial das doutrinas platónicas:

*Aristote a-t-il adhéré à la théorie des Idées?*

Werner Jaeger (1), afirmara revolucionariamente que Aristóteles, na juventude, foi um discípulo de Platão e um adepto da sua teoria das Ideias, contrariando assim a concepção tradicional de um Aristóteles em oposição com o Mestre da Academia, precisamente quanto a este ponto do sistema platónico. Está provado de facto, actualmente, que, sobre vários problemas, a doutrina de Aristóteles, ao longo da sua obra, evoluiu (2). Mons. A. Mansion, num estudo sobre o aristotelismo na perspectiva histórica (3), aceita com Jaeger que, em escritos de juventude, Aristóteles é platónico, inclusive sobre a doutrina das Ideias.

Jaeger reagia contra a concepção clássica de um sistema aristotélico estático, isto é, imediatamente construído tal como o possuímos, e não como resultante de uma evolução, com um ponto de partida e uma fase que representa o termo de um processo evolutivo. Esta nova visão de Aristóteles baseava-se em textos que até então se consideravam espúrios, não pertencentes a Aristóteles, pois divergiam profundamente do sistema estático dado pela tradição, mas que Jaeger provou poderem ser autênticos, com a condição de se admitir em Aristóteles uma evolução.

(1) WERNER JAEGER, *Aristoteles, Grundlegung einer Geschichte seiner Entwicklung*. Berlim, 1923; 2.<sup>a</sup> ed. corrigida, 1955.

(2) Cf., por ex., A. NUYENS, *Vévolution de la Psychologie d'Aristote*, trad. francesa, Lovaina, 1948. Nos dois primeiros parágrafos da Introdução (pp. 1-25), o A. expõe os pontos de vista de Jaeger, salientando que, na mesma linha deste, já antes se haviam pronunciado T. CASE e E. ZELLER, e faz uma apreciação geral do seu contributo para a renovação das investigações sobre Aristóteles; VIRGINIA GUAZZONI FOÀ, *Werner Jaeger e l'evoluzione del pensiero aristotelico nella metafisica*, in «Aristotele nella critica e negli studi contemporanei», suplemento especial ao vol. XLVIII da «Rivista di Filosofia Neoscolastica», Milão, Dezembro de 1956, pp. 71-107.

(3) A. MANSION, *Het aristotelisme in het historisch perspectief Platonisme, aristotelisme, néoplatonisme*. Bruxelas, 1954.

A discussão sobre se Aristóteles aderiu à teoria platónica das Ideias assenta na interpretação de certos fragmentos e, para o estabelecimento dessa adesão — disse o P. Ch. Lefèvre —, seria preciso saber-se

— se os fragmentos atribuídos a Aristóteles são, efectivamente, seus;

— se os autores que os transmitem (entre os quais Jámblico ocupa o mais importante lugar), os transcrevem fielmente ;

— se as cópias destes textos não foram adulteradas e modificadas ao longo das suas «edições» de manuscritos.

Depois de resolvidos estes problemas, seria necessário esclarecer se os textos referidos podem ser interpretados de um modo «idealista».

O P. Ch. Lefèvre concluiu que não há possibilidade de se afirmar apoditicamente que Aristóteles aderiu à teoria platónica das Ideias.

Depois de um breve intervalo destinado, como de costume, para uma troca de impressões entre os participantes do seminário, teve grande interesse a discussão, durante a qual se salientou que

— Aristóteles rejeitou algumas posições platónicas para defender outras, que lhe pareciam mais importantes e exactas, mas incompatíveis com aquelas;

— Aristóteles afasta-se inteiramente de Platão ao separar nitidamente a ordem lógica da ordem do real.

Tivemos também ocasião de apresentar, na reunião de 27 de Março, uma exposição sobre o problema da origem da alma em Pedro Hispano Portugalense, analisando especialmente as suas *Quaestiones super libro de animalibus Aristotelis*. O texto inédito, de difícil interpretação paleográfica, literária e doutrinal, que previamente havíamos distribuído, foi discutido com a contribuição valiosa dos Professores Van Steenberghen e Verbeke.

As actividades do ano lectivo encerraram-se em 2 de Abril com a lição da Doutora S. Mansion, intitulada: *Être et exister dans la Métaphysique d'Aristote*.

Anotemos ainda que junto do «Centro De Wulf-Mansion» tem sede a *Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale*.

Depois dos congressos que organizou em Lovaina e em Colonia, o terceiro terá lugar em Itália, no próximo verão, sobre o tema *A natureza segundo os pensadores medievais*. O órgão anual da Sociedade é um elemento indispensável para os especialistas ou interessados no pensamento medieval e nos comentadores medievais das obras aristotélicas. No último número, o quarto, correspondente a 1962, pudemos colaborar com um artigo sobre a divisão do texto nas *Questiones super libro De animalibus* de Pedro Hispano Português segundo o códice 1877 (ff. 256r-290v) da Biblioteca Nacional de Madrid. M. Grabmann tinha emitido a hipótese de que, nos manuscritos medievais, o começo de cada um dos livros do *De animalibus* nem sempre teria sido colocado no mesmo lugar. Baseava-se em algumas notas marginais deste ms., como *Quidam habent principium huius... libri hic...*, que introduziam um lema diverso daquele que se encontrava no corpo do texto. Uma análise minuciosa para esclarecer este problema mostrou-nos que aquelas anotações marginais não representam de modo algum uma forma diferente de divisão dos dezoito livros do *De animalibus* nos manuscritos da tradução de Miguel Scotto. Aproveitámos a oportunidade para juntar a este nosso estudo uma indicação da bibliografia portuguesa mais recente sobre aquele pensador português, a qual temos verificado ser geralmente desconhecida para os investigadores estrangeiros (1).

#### EDIÇÕES E REPRODUÇÕES ANASTÁTICAS

Em edição experimental policopiada «pro manuscripto», o Centro De Wulf-Mansion acaba de pôr à disposição dos estudiosos de Aristóteles e seus comentadores um inventário com o «Incipit» dos comentários, questões e tratados latinos sobre o *De Anima* em manuscritos dos séculos XIII a XV preparado por A. J. Smet (2). Em cerca de

(1) J. M. DA CRUZ PONTES, *La division du texte dans le ms. inédit des «Questiones super libro de animalibus» de Petrus Hispanus Portugalensis*, «Bulletin de la Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale», n.º 4 (1962), pp. 118-126.

(2) A. J. SMET, C. P., *Initia Commentariorum, Quaestionum et Tractatum latinorum in Aristotelis libros De anima saeculis XIII, XIV, XV editorum. Pro manuscripto*. De Wulf Mansion-Centrum, Leuven, 1963.

quinhentos números é dado o «incipit» tanto de cada obra como de cada um dos seus livros, partes ou séries de questões. A mesma obra é, assim, referida em mais que um número, mas em cada um deles uma nota remete para os outros. São apresentadas algumas linhas do começo de cada texto, seguindo-se o nome do autor, quando é conhecido, ou a anotação de que é anónimo ou conjectural a atribuição fornecida. Vêm depois as indicações dos manuscritos existentes e a sigla correspondente à reprodução fotográfica dos mesmos no arquivo do Centro De Wulf-Mansion, que possui a maior parte deles, acessível, deste modo, para estudo. São citadas as edições ou dá-se notícia de que a edição está a ser preparada, fornecendo-se referência à bibliografia que descreve a obra ou o manuscrito. Como se diz no título deste inventário, nele se registam «edições» de manuscritos dos séculos xiii-xv, o que abrange não só autores deste período, mas também Temísteo, João Philopon ou o Gramático, Avicena, Averróis, Gundissalino. Aos «Initia operum» segue-se uma «Tabula codicum» e o «Index nominum».

Um trabalho como este torna-se um elemento de muito proveito para os estudiosos e investigadores. É sempre possível aperfeiçoá-lo, pois continuam a ser descobertos ou identificados manuscritos, surgem edições e estudos. Por isso a presente edição é provisória. Poderão acrescentar-se-lhe alguns elementos desta vez ainda não recolhidos e rectificar-se alguns pormenores.

Assim por exemplo, não foram aqui registadas as anónimas *Questiones in tres libros De anima*, conservadas no cod. lat. 367, ff. 9r-35v da Biblioteca dos Beneditinos de Admont, já referidas por Grabmann (1) e recentemente publicadas por J. Vennebusch (2).

Do mesmo modo quanto ao *Scriptum super librum De anima*, contido no cod. G. 4.853 (ff. 193r222v) do Fondo Conventi Soppressi da Biblioteca Nacional de Florença, proveniente do Convento da

(1) Cf. por ex. M. GRABMANN, *Handschriftliche Forschungen und Funde zu den philosophischen Schriften des Petrus Hispanus, des späteren Papstes Johannes XXI.* (f 1277). *Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften. Philosophisch-historische Abteilung.* Jahrgang 1936, Heft 9. München, 1936, p. 115.

(2) JOACHIM VENNEBUSCH, *Ein anonymes Aristoteleskommentar des XIII. Jahrhunderts.* *Questiones in tres libros De anima.* Paderborn, 1963.

Santa Cruz. A atribuição a Alexandre de Alexandria dada no códice, em nota de escrita diferente, a fol. 193r, «Scriptum magistri Alexandri super librum primum De anima», é discutida e contestada por Y. Doucet, que conclui que, a julgar pelo «incipit» e o «explicit» do ms. florentino, este texto não é o autêntico comentário de Alexandre, tal como existe nos mss. do Escorial e de Veneza. E V. Doucet afirma ainda: «Le ms. iui-méme semble antérieur à Alexandre d'Alexandrie: il est sûrement du xm<sup>e</sup> s., des années 1260-1280, d'après une note du P. de Fanna» (1). No arquivo de microfilmes do Centro De Wulf-Mansion encontra-se já, desde há pouco, reprodução deste ms. de Florença, que havíamos solicitado em virtude do interesse que tinha para nós outra parte deste mesmo códice.

Sob o n.º 136 do inventário do P. Smet apresenta-se a obra de Pedro Hispano Portugalense, *Scientia libri De anima*, segundo o ms. 3314, ff. 3r-67v (e não 3r-67r, como aqui se diz por lapso) da Biblioteca Nacional de Madrid. Regista-se a edição feita pelo P. Manuel Alonso em 1941, mas haverá que substituir essa indicação pela da 2.<sup>a</sup> edição, aperfeiçoada e com leitura revista do ms. (2).

Passou sem registo o outro texto de Pedro Hispano contido no mesmo ms. madrileno, ff. 68r-89r, a incompleta exposição *super secundum et tertium librum De anima*, publicada também já pelo P. Alonso com o texto aristotélico segundo a *Translatio Vetus*, a utilizada por Pedro Hispano (3).

A obra de DONALD ALLAN, *The Philosophy of Aristotle*, que já estava traduzida para alemão pelo Prof. P. Wilpert, de Colónia, foi publicada agora em francês, *Aristote le Philosophe* (Ed. Nauwelaerts, Lovaina, 1962). O próprio autor completou ou redigiu de novo para esta edição algumas passagens e acrescentou outras (como a propósito das obras

(1) V. DOUCET, *Mâtres Franciscains de Paris. Supplément au «Répertoire des Mâtres en Théologie de Paris au XIII<sup>e</sup> siècle» de M. le Chan. Glorieux* in «Archivum Franciscanum Historicum», XXVII, 3-4 (Quaracchi, 1934, mas editado em Junho de 1935), p. 559.

(2) MANUEL ALONSO ALONSO, *Pedro Hispano, Scientia libri De anima*. 2.<sup>a</sup> edição. Libros Pensamiento, Juan Flors Editor, Barcelona, 1961.

(3) P. MANUEL ALONSO, S. J., *Pedro Hispano, Obras Filosóficas, III*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1952, pp. 89-401.

de juventude de Aristóteles e do carácter platónico desse período, etc.). Ch. Lefèvre não fez uma tradução literal, difícil ou impossível pela estrutura diferente das línguas e pela necessidade de clareza e precisão em temas complexos. Mas o autor leu e aprovou o texto da tradução francesa, assim como uma exposição introduzida pelo tradutor sobre a *Poética* de Aristóteles, que não existia no original. Mons. A. Mansion prefacia o volume.

A melhor biografia de S. Tomás de Aquino estava escrita em alemão, da autoria do P. A. Walz. O P. Novarina não só traduziu a apreciadíssima obra mas completou-a, realizando uma verdadeira síntese de numerosos trabalhos históricos do autor sobre S. Tomás. A adaptação francesa, WALZ-NOVARINA, *Saint Thomas d'Aquin* (Ed. Nauwelaerts, Lo vaina, 1962) foi publicada na colecção «Philosophes Médiévaux», dirigida pelo Prof. F. Van Steenberghe.

O volume *Apports Hispaniques à la Philosophie Chrétienne de l'Occident* (Ed. Nauwelaerts, Lovaina, 1962), reúne as lições dadas em 1960 por J. CARRERAS Y ARTAU e J. TUSQUETS na cadeira Cardinal Mercier da Universidade de Lovaina. É de J. Carreras y Artau o primeiro capítulo, sobre Pedro Hispano, médico, filósofo e comentador de Aristóteles, que constitui uma pequena síntese actualizada. Verificámos, porém, na nota bibliográfica, que da bibliografia portuguesa mais recente só se refere a comunicação do P. João Ferreira ao I Congresso Internacional de Filosofia Medieval, embora se diga que é também autor de outros estudos. Do Prof. A. Moreira de Sá é registado unicamente um dos seus trabalhos, o primeiro, de 1949, e não se nomeiam os dos Professores Luís de Pina e M. Helena da Rocha Pereira.

As outras lições de J. Carreras y Artau são sobre «Raimundo Lulo, um lógico e enciclopedista do século XIII» e «Luís Vives, filósofo do Humanismo», enquanto J. Tusquets se ocupa de «Francisco Suárez, a sua metafísica e a sua criteriologia», «Jaime Balmes: o seu sistema filosófico» e «Os contemporâneos (Zaragüeta, Zubiri, d'Ors, Muñoz Alonso)».

A Biblioteca do Colégio de Filosofia e Teologia dos Padres Jesuítas da Waversebann de Heverlée reeditou em impressão anastática,

ampliada e acompanhada de uma chave de abreviaturas, as obras de AVICENA, *Metaphysica sive Prima Philosophia* (Veneza, 1495) e *Opera Omnia Philosophica* (Veneza, 1508), em tiragem de 300 exemplares que rapidamente se esgotaram.

Pelo mesmo processo, que torna acessíveis edições raras, reeditou também, de HENRIQUE DE GAND, *Quodlibeta*, 2 vols. (1518) e de GUI-LHERME DE OCCAM, *Quodlibeta Septem. Tractatus de Sacramento Áltaris* (Estrasburgo, 1491), com tábuas de abreviaturas, igualmente.

### CONFERÊNCIAS

Em 8-11-62, no Palácio das Belas Artes de Bruxelas, René Percheron fez uma conferência ilustrada com diapositivos sobre *Délos et Delphes*. Delos, que foi durante séculos um centro comercial, é um campo de ruínas cujas dimensões evocam Pompeia. É nos museus que se encontram as recordações mais emocionantes da arte que floresceu outrora nestes lugares privilegiados. Delfos, durante muito tempo testemunha da hegemonia ateniense, tem os seus vestígios de pedra presos aos flancos de montanhas que parecem cercar o lugar por onde divagava a Pítia. Ao lado dos templos, o teatro e o estádio recordam que a arte e os jogos se uniam intimamente com as crenças, amálgama que fazia sentir aos Gregos a unidade da sua raça, apesar da fragmentação política do país.

No princípio de Março, no Centro «Génie Latin» de Bruxelas, o Prof. Augusto Traversa, director do Instituto Italiano de Cultura e adido cultural da Embaixada de Itália, falou sobre *Les poètes satiriques latins*. Começou por salientar que os poetas satíricos latinos são os representantes de um género poético que é talvez o único que possui uma origem puramente itálica e que se desenvolve de uma maneira autónoma, sem dever nada à inspiração ou à imitação dos modelos gregos. Coisa curiosa — disse — a «satura» primitiva foi uma espécie de representação teatral, misto de recitativo e de música, de cantos e danças, até que Énio empregou a palavra «satura» para designar as suas composições literárias, que já não tinham qualquer carácter teatral mas eram simplesmente obras poéticas. Na realidade, será com Lucílio que se assistirá à primeira criação duma «satura» que corresponderá, desde então, ao que entendemos por poesia satírica. Mas, se Lucílio foi

o primeiro, longa é a série dos poetas satíricos, como Horácio, Petrónio, Marcial, Juvenal. Pergunta-se por que fenómeno todas as suas obras chegaram até nós, enquanto que a maior parte da poesia latina se perdeu. A razão — continuou o Prof. Traversa — está em que, durante a Idade Média, se as obras de numerosos autores clássicos desapareceram definitivamente, as dos poetas satíricos, considerados como moralistas, continuaram a ser lidas e estudadas. É por isso que Dante apelida Horácio «Orazio sátiro», (*Inferno*, IV, 89), ao passo que nós hoje admiramos mais as suas composições líricas do que as sátiras.

O 9.º Ciclo de conferências do Centro «Génie Latin» foi encerrado no fim do mesmo mês com a conferência de Hubert Colleye, *Actualité de l'art roman*.

Em 16-III-62, o Prof. Eric G. Turner, da Universidade de Londres, proferiu em Bruxelas, nos Museus de Arte e de História, uma conferência ilustrada com projecções sobre *Les érudits alexandrins et le sauvetage de la littérature grecque d'après quelques découvertes récentes*.

No mesmo dia, Adrien Jans fez também em Bruxelas uma conferência sobre *Humanisme latin et roman contemporain*.

Em 27-III-62, no «Institut pour l'étude de la Renaissance et de l'Humanisme» da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bruxelas, o Prof. Eugenio Garin falou sobre *Platon et la Renaissance Italienne*.

Os professores de Filologia Clássica da Universidade de Bruxelas organizaram no início de Novembro de 1962 a 4.ª *Jornada de Estudos Clássicos*, cujo objectivo é manter o contacto entre o ensino superior, a investigação científica e o professorado do ensino secundário.

A Jornada foi aberta pelo reitor, Maurice Leroy.

De manhã, a Dr.ª Claire Préaux, da Academia Real da Bélgica, explicou as várias fases da decifração das tabuinhas de Creta, Pilos e Micenas até ao momento em que Ventris pôde confirmar que nestas se encontrava um dialecto grego muito arcaico.

O Prof. Jean Bingen falou acerca dos trabalhos actuais respeitantes à epigrafia grega e apresentou duas inscrições gregas publicadas recen-



temente: o manifesto budista do rei Asoka, encontrado em Kandahar (Afganistão), e o decreto de Temístocles sobre a evacuação de Atenas e a mobilização da frota em face do avanço persa.

À tarde, o Prof. Jean Préaux expôs o resultado das investigações que foram dedicadas durante os últimos anos aos autores latinos do programa do ensino secundário, desde César a Tácito.

Finalmente, o Prof. Marcel Renard falou da arqueologia romana e fez passar um filme sobre a ceifeira de Buzenol, máquina agrícola que veio dar acuidade ao problema da mecanização no período do império. Ao terminar, convidou os ouvintes a visitarem a exposição de documentos galo-romanos organizada por Jean Baity na secção de Filologia clássica da Universidade.

Em 23-XI-62, em Bruxelas, no círculo das «Conférences Jean Capart», organizadas pela «Fondation égyptologique Reine Elisabeth», o Prof. J. Vergote, da Universidade de Lovaina, analisou as descrições do Egipto que figuram nas «Geographica» de Estrabão. Do confronto destes dados com os aspectos físicos do Egipto de hoje e com os elementos fornecidos pelos escribas faraónicos e outros viajantes da Antiguidade, como Heródoto, depreende-se que as informações de Estrabão são de valor desigual, umas vezes muito próximas e outras muito afastadas da realidade. Segundo o Prof. Vergote, a causa disto não é atribuível somente ao próprio Estrabão, mas à formação intelectual por este recebida em Roma, que representa o nível do patriciado médio.

Em 17-I-63, o director-adjunto desta mesma fundação, Jean Bingen, proferiu uma conferência sob o título *Les Grecs et les cultes égyptiens dans l'Égypte ptolémaïque et romaine*, que ilustrou com projecções.

Em 29-III-63, na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Bruxelas, M. Trousson ocupou-se do tema: *Le mythe de Prométhée dans la littérature de l'Europe occidentale, des origines à la fin du romantisme*.

## ESPECTÁCULOS DE ARTE

Na temporada de 1961-62, o Teatro Real do Parque, de Bruxelas, dirigido por Óscar Lejeune, apresentou *O Cartaginês*, de Plauto, em adaptação de Charles Cordier, e *A visita da deusa*, «comédia em um acto, segundo uma ideia de Menandro», re-criada pelo mesmo Ch. Cordier.

De uma entrevista publicada no n.º 217 do programa oficial do Teatro Real do Parque, *Les Cahiers Blancs*, parece-nos interessante extrair algumas considerações de Ch. Cordier sobre estas duas peças e sobre o seu trabalho de adaptador, num caso, e de recriador, no outro.

Acerca de *A visita da deusa*, Ch. Cordier explicava o que queria significar com a expressão «comédia em um acto, segundo uma ideia de Menandro»:

— «Há anos que estudo e analiso os fragmentos de Menandro, o pai de todos os autores dramáticos e, sem dúvida, o maior escritor grego do século iv a. C.. À força de os escrutar, veio-me a ideia de «reconstituir» algumas destas peças. O meu primeiro ensaio foi *A mulher de Samos*, que teve um grande sucesso no Teatro do Parque e, depois, no estrangeiro. Hoje, levo a audácia mais longe. Com efeito, além dos fragmentos descobertos por um grande acaso no Egipto, possuímos alguns resumos de peças perdidas, resumos esses que os gramáticos da antiguidade tiveram a boa ideia de nos conservar. É um destes resumos que serve de quadro a *A visita da deusa*.

«Não é uma adaptação, mas antes uma reconstituição. Uma recriação. Segundo a fantasia? Não, não! Nada de fantasia. Depois de muito conviver com os diálogos de Menandro, creio ter reencontrado o ritmo do estilo e as delicadezas da sensibilidade do autor. Sinto como ele «articula» uma situação, como explora uma cena.

«O que sobretudo quis fazer realçar é o carácter «humano» dos Gregos do século iv, o seu sentimento religioso, ao mesmo tempo tão profundo e sorridente. Conhece-se mal o século iv grego. Foi a época da ventura, o século do equilíbrio entre a razão e o sentimento, entre as aspirações do indivíduo e os entraves da comunidade. Daí o interesse da peça, creio.

«E não abandonamos Menandro, porque provavelmente uma sua comédia perdida está na origem da peça de Plauto.»

Referindo-se a esta, Ch. Cordier comentava:

— «O título *O Cartaginês* provém da chegada a Atenas de um Cartaginês, Hannon, que procura as filhas desaparecidas. Estas duas encantadoras figuras exercem um mister que a moral reprova, mas fazem-no com tacto muito delicado. Bem entendido, além das duas donzelas, reencontramos os personagens tradicionais de Plauto : o jovem apaixonado, o escravo esperto, o militar fanfarrão e algumas outras figuras, tão divertidas como pitorescas.

«A impressão, dada pela leitura, de que a peça parece bastante desarticulada, é exacta. Só desde que ando às voltas com este problema compreendi que os antigos não eram mais falhos de habilidade do que os modernos, mas simplesmente trabalhavam em condições muito diferentes das nossas. Plauto e Terêncio escreviam por encomenda, em função do número de actores que a generosidade dos magistrados punha à sua disposição. Se obtinham mais de cinco, construíam uma intriga aceitável; se obtinham menos, viam-se obrigados a inventar artificios que não eram necessariamente felizes. Com efeito, neste caso, cada actor tornava-se o intérprete de vários papéis. Naquela época, bastava mudar de máscara para transformar aos olhos um pai nobre num filho libertino. Mas o autor perdia também a possibilidade de desenvolver todas as «cenas a construir». Isto explica por que tantas vezes um personagem capital aparece no primeiro acto para não voltar a surgir senão no quinto, ou então aparece uma só vez no terceiro e desaparece a seguir, para sempre.

«Agora, que o Teatro do Parque concede a Plauto todo o pessoal desejado, o seu adaptador pode repensar a intriga na sua complexidade e restituir a Plauto o que lhe é devido: uma peça como o grande cómico a teria escrito se a tivesse podido escrever para dez comediantes».

«Além das suas virtudes cómicas, n'0 *Cartaginês* — dizia ainda Ch. Cordier — encontramos muitas outras coisas... Tida em conta, naturalmente, a «exageração» inevitável dos acontecimentos, numa comédia. E, antes de mais, esta praga da Antiguidade: o rapto de crianças, e seu especulador, o traficante de escravos. Este último revela-se por outro lado, muitas vezes, um bom educador, pois empenha-se em vender pelo melhor preço as crianças, uma vez crescidas. Depois, a extraordinária liberdade de expressão dos escravos e dos criados, liberdade combinada com uma submissão física quase absoluta.»

À observação do entrevistador, que interrompera : — Não é esta uma situação social... e teatral que havia de durar até Beaumarchais? —, Ch. Cordier respondeu:

—«Com efeito. Até ao grande choque da Revolução de 89, os costumes quase não evoluíram. Deve salientar-se ainda nesta comédia de origem grega um contributo tipicamente romano: dois cidadãos, dois libertos de fresca data, cuja insolência dá testemunho de violentas lutas sociais em Roma. Há também o mau humor do traficante de escravos que se estabelece por momentos em acusador da sociedade do seu tempo. Em suma, vislumbra-se nesta comédia um universo brutal, que Plauto se apressa em fazer esquecer com um exagero de gracejos e de situações divertidas.»

Em 21-11-62, o grupo «Le théâtre antique à la Sorbonne», fundado em 1936 sob a direcção de Paul Mazon, professor de grego na Sorbona, representou em Lovaina *Os Persas* de Esquilo, em tradução de Paul Mazon e com música de Jacques Chailley.

Em Março, o «Rotterdamse Toneel» apresentou no teatro Erckerlije de Antuérpia, em versão neerlandesa, a obra de Sófocles, *Rei Édipo*.

Em 25 do mesmo mês, o «Syndicat d'initiative» de Bruxelas promoveu no Palácio das Belas Artes um concerto em que foi executada a obra de Carl Orff, *Carmina Burana*, pela Orquestra do «Kon. Ylaamse Opera» de Antuérpia e os Coros das «Communautés Européennes», sob a direcção de Jean Jakus.

Na temporada de 1962-63, o Teatro Real do Parque, de Bruxelas, fez representar *O carrasco de si mesmo (Heautontimoroumenos)* de Terêncio, em adaptação de Charles Cordier, e *Rei Édipo*, de Sófocles, em adaptação de Jean Goudal, com música original de Lucienne Bernadac.

Na Primavera, esteve também na Bélgica o «Pirakon Theatron», que em Bruxelas e em Antuérpia representou a *Medeia* de Eurípedes, fascinando o público que na expressão falante dos figurantes «leu» o texto, cuja sequência literária, na tradução para grego moderno, poucos ou mesmo ninguém estaria a compreender.

## EXPOSIÇÕES

No quadro das festas jubilares em honra de Nossa Senhora d'Hanswijk, que a cidade de Malines celebra todos os vinte e cinco anos, foi organizada no Centro Cultural, de 10 de Agosto a 7 de Outubro de 1963, uma notabilíssima exposição tendo por tema **ARTE RELIGIOSA DE ROMA**. Talvez com mais propriedade se dissesse «de arte cristã primitiva».

O núcleo principal da exposição era constituído por objectos de arte pertencentes à colecção do Campo Santo Teutónico em Roma. Trata-se da mais antiga fundação cultural e religiosa alemã na Cidade Eterna, situada no local do Circo de Nero. A sua origem remonta a uma «schola Francorum» aí erigida no tempo de Carlos Magno, que compreendia o que restava da igreja de S. Salvador, um hospício para peregrinos, e um cemitério. Esta «schola Francorum» teve grande renome, devido a numerosas doações que lhe foram feitas no decurso dos séculos. Após um período de reveses, em meados do século xv um monge agostinho, João Golderer, originário de Nuremberga, fundou um confraria (arquiconfraria, a partir de 1579), que ficou sendo, desde então até hoje, depositária da vida religiosa e eclesiástica da fundação. A igreja do Campo Santo foi construída no último quartel do século xv. António de Waal, reitor do Campo Santo de 1872 a 1917, esforçou-se por dar aos alunos do seminário ali fundado em 1876 uma formação de arqueólogos especializados na arte cristã. Com esta finalidade criou uma biblioteca e reuniu uma importante colecção de objectos susceptíveis de serem atribuídos à arte cristã primitiva. Assim surgiu o Museu do Campo Santo Teutónico.

A exposição deste conjunto valioso e variado de arte primitiva cristã foi organizada pela «Villa Hügel», propriedade da família Krupp em Essen, de 3 de Setembro a 15 de Novembro de 1962, de onde foi a seguir transferida para o Museu Central de Utrecht e para o Museu Germano-romano de Mogúncia, do qual, por sua vez, veio para Malines.

A exposição continha 447 peças, desde sarcófagos de pedra, relevos e esculturas, cerâmica (lâmpadas de azeite africanas, romanas, egípcias), sinetes e vasos de argila, buretas, escultura em madeira, marfim e osso, pedras preciosas e ourivesaria, anéis, moedas, inscrições epigráficas e reproduções de grafitos, mosaicos e vidros. A fim de

se poder dar uma visão completa do conjunto que constitui o Museu do Campo Santo, ao lado dos objectos de arte cristã primitiva foram também incluídas algumas pinturas e esculturas mais recentes.

E, com o objectivo de permitir certos pontos de comparação com outras obras, foram para esta exposição emprestadas algumas peças pelos Monumentos pontifícios, Museus do Vaticano, Tesouro de S. Pedro, Museo Profano e Cristiano Lateranense, Museo degli Scavi de Ostia, Musei Capitolini, assim como se utilizaram algumas reproduções.

Não podemos deter-nos na descrição da exposição, mas desejamos salientar o valor do seu catálogo na edição francesa, baseada no catálogo mais pormenorizado publicado em alemão e no realizado em neerlandês para a exposição de Utrecht. Depois de uma descrição do tema da exposição, um texto do Dr. J. Van Herk, traduzido do neerlandês, explica as origens da arte cristã primitiva, desde os difíceis começos até 313, e desde então até à morte de Justiniano, referindo-se em seguida, de modo especial, à escultura, mosaicos, tecidos, manuscritos iluminados. Um pequeno léxico dá o significado de cerca de vinte termos técnicos. Vem depois um largo texto de muito agradável apresentação gráfica, sob títulos como: a plástica da pedra, cerâmica, escultura, metais preciosos, mosaicos, etc., que, para ilustrar a lição de história de arte primitiva cristã que aí se dá, remete para os números correspondentes da exposição. A descrição sumária das 477 peças é acrescida de 40 páginas de reproduções fotográficas, também referenciadas com o respectivo número identificativo, pelo que esta elegante brochura não é só uma bela recordação da visita feita à exposição, mas uma síntese sobre alguns aspectos da arte cristã primitiva, com um pequeno álbum.

A pedido da «Union Internationale des Villes» e por ocasião do congresso jubilar desta associação fundada em Gand em 1913, o Centro «Pro Civitate» criado pelo «Crédit Communal de Belgique» organizou uma exposição internacional de arte sobre o tema : **A ARTE E A CIDADE**. Esteve aberta no Palácio das Belas Artes de Bruxelas, de 19 de Junho a 25 de Agosto de 1963, e nela participaram, além da Bélgica, a Dinamarca, Alemanha, França, Inglaterra, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Suíça, Finlândia, Suécia, Itália e Espanha.

Na colaboração dada pela Bélgica e a Itália há elementos que interessam ao carácter destas notícias e comentários.

A Bélgica, na representação de Tongres, o importante centro comercial e estratégico da época romana, Atuatuca Tungrorum, não sem que antes as legiões romanas fossem massacradas por Ambiorix, cuja estátua se ergue na praça principal da cidade, apresentava objectos de uso corrente em terra-cota, em bronze e em vidro, encontrados em Tongres. Uns pertencem ao período romano e outros são de origem gaulesa, de entre os séculos I-IV, e foram trazidos do Museu Provincial Galo-romano de Tongres, onde tínhamos podido ver os materiais provenientes das explorações arqueológicas feitas na região.

Da contribuição belga devemos ainda registar os copos e taças de vidro e as cerâmicas da região de Namur, de entre os séculos IV-V.

Inserido na participação de Antuérpia pelo espírito rubeniano, sensível no movimento e na plástica, encontrava-se um baixo-relevo de bronze dourado sobre um fundo de lapis-lazuli, *Sileno dormindo*, ilustração da *Égloga* VI.<sup>a</sup> de Virgílio. É obra de François Duquesnoy (1594-1643), de cerca de 1631, pertença de uma colecção particular de Bruxelas e reproduzida em extra-texto colorido no catálogo.

Naturalmente, quanto ao sector que aqui nos interessa, a Itália ocupou na exposição um lugar muito importante, apesar de ter tido que limitar-se à representação de cinco cidades: Roma, Florença, Veneza, Nápoles e Génova. O critério que presidiu à participação italiana fez com que Roma aparecesse sob o signo da Antiguidade e, assim, apresentou um grupo de esculturas da época imperial, vindas dos Museus do Capitólio, três urnas cinerárias (de P. Albius, de Claudia Primigenia, ambas do Museo Nuovo, de Roma, e outra encontrada na Via Appia) e um candelabro em mármore branco, da época imperial, dividido em duas zonas esculpidas com cenas da vida quotidiana e a efigie de Mercúrio, que pertence, assim como a última urna cinerária referida, ao Antiquarium Palazzo Caffarelli. Seis destes espécimes (busto de criança romana, em mármore branco, encontrado na Via Latina; Hércules, criança, e as serpentes, em mármore branco, da época imperial, encontrado nos Montes Albanos; estátua de adolescente, mutilada, em mármore branco da época imperial, que se supõe ser a representação de Dioniso, e uma das urnas cinerárias) encontram-se entre as reproduções fotográficas do rico catálogo da exposição.

Fazemos ainda uma referência à exposição **TESOUROS DAS BIBLIOTECAS DA ESCÓCIA**, aberta de 2 de Fevereiro a 6 de Abril do ano cor-

rente na Biblioteca Albertina de Bruxelas, com manuscritos, incunábulo e livros raros da Biblioteca Nacional de Edimburgo e das bibliotecas universitárias de Glasgow, Aberdeen e Edimburgo, porque entre eles estava um manuscrito do século xv, iluminado ao gosto flamengo, com obras de Virgílio.

### ARQUEOLOGIA E NUMISMÁTICA ROMANAS

As pesquisas arqueológicas no triângulo Leuze-Ath-Beloeil têm-se feito em ritmo acelerado, graças à actividade do Centro de Turismo e de investigações Arqueológicas de Blicquy-Aubechies, de que é presidente o Dr. Van Langenhove. Depois que em 1961 foi descoberto um forno de oleiro em Blicquy, ficou resolvido que aí fosse instalado um museu para recolha do material galo-romano e merovíngio, o que logo se realizou. A parte referente à paleontologia e pré-história ficou em Setembro de 1962 instalada em Aubechies, na escola comunal, próxima da igreja românica da povoação, igreja construída sobre uma «villa» romana, cujos materiais foram re-utilizados para a edificação do templo.

Entretanto, a equipa arqueológica da Universidade de Gand, dirigida por A. Van Doorselaer, prosseguiu durante a primeira quinzena de Setembro de 1962, em Blicquy, a exploração do cemitério galo-romano situado na margem da nova estrada de Basècles. Foram postas a descoberto umas sessenta sepulturas, algumas das quais guardavam numerosos objectos, e confirmou-se a existência de duas linhas paralelas de valas, de época anterior ao cemitério.

Por outro lado, um grupo do Centro Arqueológico de Ath, dirigido por M. Sanssen, não muito longe do lugar onde no ano anterior tinha sido posto à vista o forno de oleiro, descobriu um outro forno, de tipo diferente e em muito bom estado de conservação. Parece, pois, que Blicquy foi, durante a época romana, um centro importante da indústria de cerâmica.

A «villa» romana descoberta perto de Andenne, em Evelette, pelo P. Émile Matagne, pároco da freguesia, há já alguns anos, começou a ser explorada na Primavera de 1962 e encontra-se descoberta uma parte importante da zona dos balneários, desde o *præfurnium* que a alimentava, até aos mosaicos desses mesmos balneários, cujo sistema



de esgotos está conservado. Pedços de cerâmica, de vidro, pesos de tear, campainhas de gado, moedas, objectos de bronze, entre os quais um formoso amuleto, testemunham a riqueza dos habitantes do lugar e a sua permanência ali, assim como servem para datar a construção, que parece ser do fim do século primeiro da nossa era. A cerâmica indica que a habitação sobreviveu aos tumultos do século iv e só no início do século v terá sido destruída. Este facto dá importância especial ao local, pois poderá fornecer indicações novas sobre o período obscuro do enfraquecimento do poder romano sob a pressão das invasões francas.

Nos arredores de Coutrai, onde já em 1913 fora encontrada uma cópia romana de uma Afrodite, depois de nos séculos xvii e xviii terem aparecido moedas de Trajano, Marco Aurélio e Antonino Pio, descobriu-se em 1958 um cemitério com sepulturas de dois tipos: urnas cinerárias tendo, junto, de um a quatro vasos de cerâmica; e fossas rectangulares com restos de ossos calcinados, carvão de madeira, objectos de ferro e olaria deformada pelo fogo. Destas sepulturas, datadas todas de entre os anos 30 e 120 da nossa era, umas são civis e outras militares. Foi fundada recentemente uma associação «Pro Cortoriaco» a fim de prosseguir as escavações e conciliar com os interesses da Arqueologia as necessidades do urbanismo.

Na região de Entre-Sambre-et-Meuse, em Saint-Gérard, tinham sido descobertos numerosos vestígios galo-romanos. Junto de ruínas que parecem ser de uma «villa», em fins de 1962 apareceu um conjunto de fornos, a algumas dezenas de metros das construções do lado sul, sobre os quais os especialistas procuram determinar se seriam fornos para tratamento de minerais, se para alimentar o aquecimento.

Para completarmos estas notícias sobre alguns dos trabalhos recentes — pois outros restos arqueológicos têm surgido, mas não estão ainda explorados — registamos que em 1962 foi publicado pela sociedade «Romana» o primeiro tomo de um ficheiro arqueológico da Bélgica. Cataloga por localidades as descobertas feitas até ao presente no que toca aos períodos gaulês, romano e franco. Este primeiro volume contém as fichas de meia centena de comunas, classificadas por ordem alfabética.

O «Cabinet des Médailles» de Bruxelas adquiriu em 1962 três peças de ouro, de raridade e interesse excepcionais: um «medalhão» do imperador Cláudio II, um «aureus» do mesmo e um «aureus» de Aureliano. As três moedas provêm de um tesouro descoberto em meados do século passado, junto das costas da Córsega, por um pescador de coral. Pensa-se que este conjunto de moedas seria transportado por um navio, naufragado em consequência de incêndio. Antes desta compra, o «Cabinet des Médailles» de Bruxelas não possuía nenhuma peça de ouro de Cláudio II. O «aureus» de Aureliano é proveniente da oficina de Siscia, que foi o primeiro a emitir moedas com o nome de Aureliano, por ocasião da sua aclamação em Sidmum, enquanto a Itália estava ainda sob a ocupação de Quintílio, irmão do sucessor de Cláudio II. A ausência de moedas batidas em Roma por Aureliano e o período muito breve durante o qual foram emitidas as moedas de Siscia, e depois as de Milão, com o nome deste imperador, fazem supor que este tesouro deve ter sido perdido no início mesmo do reinado de Aureliano, ou seja nos primeiros meses do ano de 270. Por isso tem uma particular importância, como documento histórico sobre este período perturbado e ainda obscuro da história romana, este novo «aureus» que agora enriquece as coleções da Bélgica.

Em 23-VI-63, no «Hôtel de ville» de Namur, Jean Martin, licenciado em História de Arte e Arqueologia, comentou as escavações da «villa» romana de Basse-Wavre, construída no decurso do primeiro século da nossa era. Tinha 130 m de largo e um pórtico de 110 m de altura. As salas de estar eram aquecidas por ar quente. Uma sala de recepção de 90 m<sup>2</sup>, com janelas de vidros coloridos e pavimentada com mosaicos, deixa pensar que o proprietário desta «villa», cujo nome se desconhece, foi um grande senhor romano. As paredes da sala estavam revestidas com mármore proveniente da Albânia e do Egípto. A parte dos balneários é também muito importante, pois tinha banho frio, tépido e quente. Uma piscina de 6 m de diâmetro, pavimentada com mármore, é a sua secção mais notável. Esta «villa» foi saqueada e incendiada em meados do século ui e nunca mais reconstruída. Isto permitiu que, com as escavações realizadas em 1904, se pudesse reconstituir o seu plano completo, que mostra ser ela a maior da Bélgica. Actualmente as ruínas estão sob 50 cm de terra. Os arqueólogos pensam poder desimpedir a parte dos balneários, que será então valorizada

de modo a tornar-se para as escolas e universidades objecto de visitas de estudo.

Prevenido por colegas holandeses de que estavam a ser passados para a Holanda objectos provenientes da necrópole romana de **OUDEBURG**, na Flandres Ocidental, o arqueólogo do serviço de escavações do Instituto real do património artístico, J. Mertens, dirigiu-se lá, pressurosamente, neste verão, a fim de explorar o local e evitar a destruição das ruínas pela acção de pesquisadores clandestinos.

Em anos anteriores, J. Mertens tinha realizado trabalhos importantes, que lhe haviam permitido descobrir o traçado das fortificações erigidas pelos romanos nos séculos iv e v, que faziam de Oudenburg um elo da cadeia defensiva, estabelecida ao longo da costa para proteger a região das incursões bárbaras, vindas do mar.

Na necrópole, nas sepulturas infelizmente desfeitas, o arqueólogo descobriu diversos adornos, que provam terem sido ali sepultados altos funcionários romanos, nomeadamente duas fibulas do tipo «arbalète», que era apanágio exclusivo de personagens da hierarquia militar, judiciária ou administrativa. Isto permite presumir da importância da fortaleza de Oudenburg no sistema militar do império, durante os últimos anos da ocupação romana da região.

A colónia romana de **ALBA FUCENS**, perto de Avezzano, nos Abruzos (Itália Central), a 100 kms a Este de Roma, quase a meio caminho da Via Valeria em direcção ao Adriático, foi fundada em 302 a. C.. A fundação da cidade é citada por Tito Lívio (X, 1), que regista o envio de 6.000 colonos para o local, depois das campanhas de P. Sempronius Sophus contra os Équos.

Desde 25 de Abril de 1949 têm sido lá realizadas escavações sistemáticas, sob a direcção de dois professores da Universidade de Lovaina, Fernand De Visscher e Franz De Ruyt, que é também da redacção da revista *L'Antiquité Classique*, de Bruxelas. Foi por virtude de um acordo concluído com o Conselho Superior das Antiguidades e Belas Artes de Itália, presidido por de Angelis d'Ossat, e graças a uma doação importante de dois mecenas belgas, amigos da Universidade de Lovaina, que a primeira campanha de explorações se realizou na primavera e verão de 1949 por aqueles dois professores, com a estreita colaboração de Valerio Cinfarini, inspector das Antiguidades dos Abruzos e Molisa. Nello Berardinelli foi escolhido como assistente para os trabalhos e

o Prof. Giuseppe Lugli, da Universidade de Roma e presidente da União Académica Internacional, interessou-se pelas primeiras investigações arqueológicas, às quais prestaram concurso o arquitecto Gismondi e o seu colaborador Visca, assim como o adjunto da Inspecção dos Abruzos, Consoli, e Jean Bingen, então bolseiro da Academia Belga e, actualmente, director-adjunto da «Fondation égyptologique Reine Elisabeth», de Bruxelas.

Em Julho de 1949, dado o êxito das primeiras sondagens, a Direcção Geral das Antiguidades e Belas Artes do Ministério Italiano da Instrução Pública decidiu a expropriação de um vasto terreno de perto de 3.000 ha no presumido centro da cidade antiga, e concedeu créditos para a restauração e conservação dos monumentos descobertos.

Uma segunda campanha teve lugar de 17 de Abril a 8 de Julho de 1950, com a ajuda de um importante subsídio do Fundo Nacional Belga de Investigação Científica e acrescida, para os trabalhos, com a colaboração do Prof. Siegfried De Laet, da Universidade de Gand, e de Joseph Mertens, doutor em Filologia Clássica e licenciado em Arqueologia e História de Arte na Universidade de Lovaina, que era então chefe de trabalhos no «Service des Fouilles de l'État» em Bruxelas e é actualmente professor naquela universidade.

É com o patrocínio de entidades belgas e sob a direcção principal do Prof. Fernand De Visscher que desde há catorze anos se prosseguem as explorações de Alba Fucens, em que colaboram os arqueólogos das quatro universidades belgas, em harmonia com as autoridades italianas.

Acerca dos resultados e das conclusões provenientes das primeiras campanhas foram já publicados minuciosos trabalhos descritivos (1). A última, realizada este verão durante um mês, com a colaboração de J. Ch. Balty, da Universidade de Bruxelas, revelou-se muito frutuosa, segundo as declarações do Prof. De Visscher a Albert Burnet (2).

(1) FERNAND DE VISSCHER et FRANZ DE RUYT, *Les fouilles d'Alba Fucens (Italie Centrale) en 1949 et 1950* in «L'Antiquité Classique», XX, 1 (Bruxelas, 1951), pp. 47-84; Ch. PICARD, *Un bas-relief «pittoresque» d'Alba Fucens*, Ibid., XXI, 2 (1952), pp. 332-337; F. DE VISSCHER, F. DE RUYT, SIEGFRIED J. DE LAET et JOSEPH MERTENS, *Les fouilles d'Alba Fucens (Italie Centrale) de 1951 à 1953*, Ibid., XXIII, 1 e 2 (1954), pp. 63-108 e 331-402, e XXIV, 1 (1955), pp. 51-119.

(2) Vid. *Le Soir*, Bruxelas, 23 de Agosto de 1963. Cf. também *Le Soir* de 12 do mesmo mês.

Uma tradição, que se mantém ainda na aldeia existente no local da antiga Alba Fucens, não tem qualquer origem bíblica ou hagiográfica. A procissão que todos os anos aí se faz, em que é levada uma árvore enfeitada, relaciona-a o Prof. De Visscher com as *dendrophorai* (à letra : condução da árvore) que eram procissões destinadas a atrair a protecção ou as boas graças de uma ou outra divindade do panteão greco-romano, a que se encontram alusões em certos textos gregos ou latinos. Fácil é de imaginar que a inclusão deste pormenor numa cerimónia cristã tivesse sido uma hábil adaptação, por parte do clero, de um costume pagão. Talvez uma descoberta das escavações deste ano, próximo de um conjunto dedicado a Hércules, o possa confirmar. Foi, efectivamente, encontrada uma construção precedida de uma escadaria, que dá acesso a um pronaos de estilo dórico, por onde se entra numa vasta sala de cerca de 9 m<sup>2</sup>, ainda inteiramente coberta com mosaicos negros e brancos. Embora não se trate de um templo, segundo a opinião do Prof. De Visscher é um edifício cujo carácter deve ser, contudo, religioso, e poderia ser o colégio das *dendrophorai*.

Outra das descobertas mais importantes foi a de uma magnífica inscrição achada ao lado deste edifício, gravada em mármore branco em esplêndidos caracteres do fim da República. Por ela se fica informado de que a cidade de Alba Fucens escolheu para patrono Júlio César, pontífice máximo, ditador pela segunda vez. Esta inscrição tem um grande interesse histórico, porque esclarece um episódio da guerra civil entre Júlio César e Pompeu, que nos é conhecido, inclusivamente, pela correspondência de Cícero. César acabava de passar o Rubicão (49 a. C.). Perante o avanço fulminante do ditador, as coortes aquarteladas por Pompeu em Alba Fucens desertaram e todos os municípios aderiram à causa de César. Foi nesta ocasião que os habitantes de Alba o escolheram para patrono. Eles testemunharam por outro lado a mesma fidelidade para com o herdeiro de César, o futuro Augusto, nas suas contendas com António.

As escavações aqui não foram ainda levadas para além da profundidade de cerca de 9,5 m, porque o objectivo principal das investigações foi o templo de Hércules, em cujo sub-solo uma sondagem permitiu a descoberta de muros de habitações, o que mostra que o templo não tinha raízes longínquas no passado da cidade.

Alba Fucens foi destruída por ocasião das guerras sociais do ano 91 a. C.. Fiel a Roma, foi saqueada pelos aliados itálicos, furiosos por lhes ser recusado o direito de cidade. O templo data pelo menos

da reconstrução do povoado. Era precedido de um duplo pórtico e este quadrilátero estava fechado por um muro, no meio do qual se divisa uma entrada. Uma outra entrada no pórtico sudoeste tinha um aspecto monumental, precedida de uma galeria coberta, com cerca de 15 m de comprimento, que ligava o pórtico à «Via Miliaria»\* a rua principal de Alba.

As escavações puseram a descoberto no centro da esplanada as bases de um altar de 6 x 4 metros, reconstruído no tempo do imperador Nerva, e as fundações de uma pré-fachada do templo, que parece composta por colunas que suportavam um frontão.

Uma das descobertas mais curiosas é uma base de coluna, metade da qual é canelada em arestas cortadas e a outra em arestas vivas. Trata-se de um caso extremamente raro de coluna angular, destinada a estabelecer a ligação entre uma fila de fustes em estilo dórico, como eram os dos pórticos, e uma outra em ordem jónica ou coríntia, o que devia ser o caso da fachada do templo.

Como era de esperar, fez-se também uma boa recolha de olaria e de fragmentos de mármore esculpido.

### SOB O SIGNO DE ERASMO

Em Lovaina não se pode fugir à evocação de alguns grandes homens que aqui viveram e que agitaram a atmosfera do seu tempo. Lembremo-nos de Jansênio e procuramos a torre que mandou construir sobre a antiga muralha da cidade, sobranceira às águas lentas e sossegadas do Dijle, onde escreveu o *Augustinus*, que tanta perturbação levantaria. E pensamos em Erasmo, que veio a primeira vez a Lovaina no fim do verão de 1502. Recusou uma cátedra na Universidade, oferecida por Adriano de Utrecht, então professor de Teologia e depois papa, Adriano VI. Cerca do fim de 1504 está em Paris, mas no verão de 1517 fixou-se em Lovaina, começando por morar na casa do reitor, João Paludanus, de onde em breve se transferiu para o «Collège du Lis». A fim de tratar da sua edição do Novo Testamento, foi a Basileia em Maio de 1518, mas regressou em Setembro. Assediavam-no para que tome posição aberta contra Lutero, e Erasmo, para manter a sua independência e a tranquilidade para o trabalho, deixa Lovaina e vai para Anderlecht — que actualmente é já periferia de Bruxelas — na primavera de 1521. J. Huizinga não retém este pormenor da fuga de

Erasmus ao ambiente molesto de Lovaina para ir acolher-se à Casa do Cisne (*In de Zwaene*), que a Colegiada de Anderlecht tinha cedido para habitação ao cónego Pedro Wychman, helenista e latinista, seu amigo. É de lá que, em 28 de Outubro de 1525, e para — ao contrário do que tencionava — não voltar nem aqui nem a Lovaina, mais uma vez parte para Basileia, a ocupar-se da terceira edição do Novo Testamento, feita por João Froben.

Não é para nos demorarmos na descrição da visita ao museu que é agora a antiga propriedade capitular de Anderlecht, desde o século xvi conhecida como *Casa de Erasmo*, que o estamos a recordar. É antes para assinalar que foi, sem dúvida, também sob o signo de Erasmo que a Universidade de Lovaina quis homenagear Marcel Bataillon, conferindo-lhe, ao mesmo tempo que a cinco outros eminentes mestres estrangeiros, o título de doutor «honoris causa». Efectivamente, a obra monumental de M. Bataillon, do Instituto, e Professor do «Collège de France», é o seu *Érasme et Espagne* (Paris, 1937), também editada em tradução espanhola (México, 1950). Dela falou o Prof. Lavalleye, decano da Faculdade de Filosofia e Letras, no elogio de Marcel Bataillon, no decurso da entrega dos diplomas, em 2 de Fevereiro passado, em cerimónia soleníssima presidida pelo Magnífico Reitor, Mons. Van Waeyenbergh.

Recorde-se que Mareei Bataillon, ao longo dos trabalhos de investigação em ordem à grande obra que referimos, foi encontrando e reunindo elementos relacionados com Portugal. Elaborou assim vários artigos sobre Erasmo e os humanistas portugueses, publicados dispersamente, que a Universidade de Coimbra coligiu com o título *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme* (Acta Universitatis Conimbrigenensis, 1952). Por isso nos foi grato assistir à homenagem prestada pela Universidade de Lovaina ao Prof. Marcel Bataillon e a ela nos associamos.

*Lovaina, Setembro de 1963.*

**J. M. DA CRUZ PONTES**

***Bolseiro do Instituto de Alta Cultura  
e da Fundação Calouste Gulbenkian***